

Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos lingüísticos*

Luiz Paulo da Moita Lopes**

Resumo

A questão central deste trabalho se refere à necessidade de a área de estudos lingüísticos se familiarizar com a grande ebulição que está sendo vivida nas Ciências Humanas e Sociais, principalmente, quando muitos pesquisadores nesses campos têm cada vez mais reconhecido a relevância da linguagem para compreender a vida social contemporânea e têm oferecido intravisiões singulares sobre o discurso. Grande parte dessa ebulição se explica por uma série de mutações experienciadas na vida contemporânea que requerem teorias e metodologias novas e que, portanto, põem em xeque modos de produzir conhecimento que não dão conta dessas mudanças. Além disso, fala-se, cada vez mais, sobre hibridismo teórico-metodológico, sobre o fim do ideal de neutralidade e objetividade na produção do conhecimento, sobre a obrigação de questionar todas as práticas sociais do ponto de vista ético (inclusive aquelas de pesquisa) e sobre a responsabilidade para com os outros.

Palavras-chave: Mudanças sociais contemporâneas; Hibridismo teórico-metodológico; Questionamento de neutralidade e objetividade; Ética.

O tornar-se ético da “humanidade” pode então ser visto como o resultado de um processo de desenvolvimento, sugerindo uma aprendizagem. (VENN, 2000, p. 12)

SITUANDO O TEMA: UMA HISTÓRIA PROFISSIONAL

Como pesquisador que tem atuado continuamente, em toda a vida profissional, na macro-área de estudos lingüísticos, mais especificamente no campo da Lingüística Aplicada, tem sido curioso observar a reação de vários colegas à minha pesquisa nos últimos tempos. Muitos têm dito que “[eu] agora [faço] Lingüística”, outros dizem que eu sou da “outra Lingüística” e outros que

* Sou grato a Branca Falabella Fabrício (UFRJ) por suas sugestões a uma primeira versão deste texto.

** Universidade Federal do Rio de Janeiro.

eu “não [faço] mais Lingüística Aplicada” ou que, pelo menos, não estaria mais atuando dentro do que Davies (1998) chama de Lingüística Aplicada normal. O que essa discussão parece indicar é que, de alguma forma, minha investigação tem questionado muitas visões tradicionais e cristalizadas sobre o que é produzir conhecimento no campo de estudos lingüísticos. Não deixa de ser interessante relatar a risada que o título de meu trabalho “Como ser homem, heterossexual e branco na escola: posicionamentos múltiplos em narrativas orais”¹ provocou em uma colega quando me encontrou nos corredores da Universidade Federal do Ceará durante a realização do Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística de 2000. A risada foi acompanhada do comentário: “Olha o título do trabalho dele!”.

Para início de conversa, cabe dizer que vivemos tempos em que há um profundo questionamento de modos tradicionais de fazer pesquisa nas Ciências Sociais e Humanas como também um alargamento dos horizontes do que seria a macro-área da Lingüística. Basta um olhar rápido na programação de qualquer evento tanto de Lingüística como da Lingüística Aplicada para se ter clareza sobre a amplidão do espectro das questões estudadas e dos modos de atuar nesses campos. O que parece ficar patente é que muitos pesquisadores na contemporaneidade têm atravessado várias áreas de investigação, o que tem sido plenamente contemplado em eventos científicos interdisciplinares, principalmente no exterior, como também pelas agências nacionais de investigação que têm induzido (e, na verdade, incentivado) projetos de pesquisa dessa natureza.² Para muitos que estão agindo dentro dos limites disciplinares, tal ousadia causa um certo mal-estar, o que é normal. Afinal, a academia, ao contrário do que se pensa, é um dos lugares mais difíceis de diálogo com a diferença: a mesmidade dá conforto, acolhe, e nos faz mirar em um espelho. O outro é igual a nós mesmos, ou seja, não existe como outro. A diferença interroga, assusta, e questiona nossas verdades. São esses questionamentos ou novos modos de compreender a pesquisa que este texto vai focalizar. Vivemos mudanças em nosso campo: as questões que estão sendo estudadas têm se modificado e os modos de estudá-las também, o que tem acarretado a redefinição de áreas de investigação, provocando desarticulações nas disciplinas, nos departamentos e nos programas (ainda que sejam ainda pequenas e poucas no Brasil).

¹ Este trabalho encontra-se agora no prelo e vai ser publicado em inglês com o título *On being white, heterosexual and male at school: multiple positionings in oral narratives*, em SCHIFFRIN, D.; DE FINNA, A.; BAMBERG, M. (Eds.). *Discursive Identities*. Cambridge: Cambridge University Press.

² É notável, nesse sentido, o recente edital (2003) do CNPq para Auxílio à Pesquisa na área de Ciências Sociais e Humanas como também os editais do Programa Cientistas do Nosso Estado da Faperj.

UMA EBULIÇÃO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

É claro que essa discussão relativa a abordagens de pesquisa, em última análise, tem a ver com o modo como o pesquisador compreende seu campo. Ou seja, o como da investigação é definido a partir do seu entendimento do que a área é ou faz. Normalmente, isso é dado ao pesquisador iniciante ao se engajar em uma comunidade de prática (WENGER, 1998) de pesquisa na qual ele vai agir, inicialmente, de modo periférico, seguindo as normas traçadas pelo orientador ou coordenador de um projeto ao qual se filia, obedecendo então tradições específicas. Com o passar do tempo, esse pesquisador pode vir a questionar sua formação e escolher outras estradas. É assim que a pesquisa se move ou o desenvolvimento científico se dá. Mas tal percurso é longo e demorado. Envolve o trabalho periférico junto a um orientador ou coordenador da pesquisa até o momento em que a investigação do pesquisador iniciante se torna central, constituindo seu próprio projeto de pesquisa, como também um novo objeto de investigação. É verdade que muitos continuam a viver as tradições em que foram educados ou rezar por tais cartilhas eternamente, o que me parece complicado: a capacidade de reinvenção é crucial no mundo da pesquisa.

O que vou relatar se refere a como entendo o modo por meio do qual muitos pesquisadores na área de estudos lingüísticos têm construído novos objetos de investigação a partir da ebulição que me parece estar ocorrendo nas Ciências Sociais e Humanas. Ou seja, vou mostrar as lentes que estou usando para indicar como vejo nosso campo de pesquisa ou como construo o objeto de investigação, no que está implícito o como investigar. Outros, é claro, construirão objetos diferentes de investigação com base em outras teorizações e metodologias. É bom que seja assim. Mas é crucial que sejam igualmente entendidas como construções sócio-discursivas e não como únicos modos aceitáveis de fazer pesquisa, como temos tradicionalmente feito ao apresentar nossas verdades teórico-metodológicas para pesquisadores em formação. Nossas verdades são só possibilidades de tratar certas questões – e são efêmeras.

O ponto principal para mim é como definir o campo de estudos lingüísticos (pelo menos em áreas voltadas para aspectos de uso da linguagem em campos aplicados ou não) com base no impacto produzido por teorias que têm interrogado a modernidade nas Ciências Sociais e nas Humanidades, acarretando profundos questionamentos sobre os tipos de conhecimentos produzidos.

Ou seja, como podemos pensar modos de fazer pesquisa avaliando se os princípios e categorias que usamos “estão ainda em condições de compreender as mutações em curso nas sociedades contemporâneas, de explicar os problemas antigos e novos que as entrecortam e de dar uma resposta às perguntas da socie-

dade que mudaram de natureza e modalidade de expressão?” (SEMPRINI, 1999, p. 172). Ou mesmo até, se em algum momento, tais princípios e categorias tiveram alguma possibilidade de dialogar com o mundo em que vivíamos.

Em artigo recente, Rajagopalan (2002) faz uma crítica voraz à Lingüística por produzir conhecimento que não dialoga com as práticas sociais, constituindo o que ele chama de “a Lingüística que nos deixou na mão”. Diria que o mesmo pode ser colocado em relação a algumas tradições na Lingüística Aplicada ou para a macro-área de estudos lingüísticos. Que conhecimentos são esses que não têm sido capazes de focalizar a vida social e suas motivações político-ideológicas? E, se focalizaram, certamente, não o conseguem mais fazê-lo em um mundo em mutação. Não surpreende, portanto, que não tenhamos sido capazes de dialogar com a vida social ou com as questões sobre as relações sobre linguagem e vida institucional, por exemplo.³

Para mim isso é uma questão central. Outros, é claro, terão outras justificativas para o conhecimento que querem produzir. No entanto, se a área de estudos lingüísticos quer produzir conhecimento que tenha alguma relação com o modo como as pessoas agem e vivem nas práticas sociais, mudanças relacionadas à vida política, sociocultural e histórica que estamos experimentando devem diretamente afetar a pesquisa que fazemos e, por conseguinte, os modos de entender as metodologias e as teorizações que nos inspiram.

Vivemos tempos que muitos chamam de pós-modernos, de pós-coloniais ou de novas tecnologias, que têm afetado diretamente o mundo conforme o geógrafo Milton Santos (2000) aponta: toda vez que a técnica muda o mundo muda. Tempos em que muitas certezas estão sendo questionadas em um mundo de risco iminente (ecológicos e outros), de incertezas (de seres pós-orgânicos, por exemplo) e em um mundo econômico que muitos chamam do novo capitalismo, que necessita de novos conhecimentos para enfrentá-lo. Como os pesquisadores da área da linguagem podem produzir conhecimento sem se envolver com essas questões? Se o fizeram em tempos passados, as mudanças que vivemos, no momento atual, não nos deixam espaço para respirar: é tempo de repensar os percursos epistemológicos que têm nos orientado.

Contudo, como isso é possível em um país em que as conquistas da modernidade (democracia, direitos humanos, progresso, educação para todos etc.) es-

³ Embora muitos pesquisadores no campo de estudos da linguagem escrevam sobre linguagem e educação, por exemplo, são poucos aqueles que têm uma compreensão teórica dessa relação calcada na complexidade com que deve ser tratada. Visões simplistas fundamentadas numa relação direta entre teoria lingüística e educação ainda prevalecem, o que é, antes de mais nada, extremamente presunçoso e revelador de uma posição epistemológica simplificador. Não surpreende, portanto, que tenhamos pouco a dizer sobre linguagem e práticas escolares como também sobre outras práticas sociais.

tão tão pouco asseguradas. Conforme indica o antropólogo argentino, Nestor Canclini (1997): “Pode-se falar criticamente da modernidade e buscá-la ao mesmo tempo que estamos passando por ela?” (p. 356). Esse me parece ser o nosso desafio. Como criticar a modernidade quando ainda estamos lutando para garantir suas benesses? Por exemplo, como cuidar do letramento computacional em um país em que grande parte da população não teve acesso ao que muitos agora chamam de “mero letramento” (COPE & KALANTZIZ, 2000, p. 5). No entanto, é inegável que estamos experienciando uma série de mudanças na vida social contemporânea no dia-a-dia, muitas delas causadas pela presença da tecnoinformação, pela rapidez dos meios de comunicação, pela possibilidade de ver a multiplicidade da vida humana ao mero clicar de uma tecla de TV ou computador, pelas inovações tecnológicas que têm afetado a concepção humana etc. É tempo de dialogar com esse novo mundo.

Da mesma forma, as mudanças epistemológicas não têm sido pequenas. Formas tradicionais de produção de conhecimento têm sido questionadas e novas têm sido produzidas e subscritas. O impacto do pós-modernismo e do pós-colonialismo (entendidos aqui como críticas aos projetos de modernidade) nas Ciências Sociais e Humanas tem sido impressionante. A pesquisa mudou porque o mundo mudou como o sociólogo americano Denzin (1997) comenta ao se referir às mudanças que a pesquisa etnográfica tem enfrentado: “Como a cultura agora é pós-moderna e multinacional, o mesmo ocorreu com a etnografia. O projeto etnográfico mudou porque o mundo que a etnografia confronta mudou” (p. xii). No meu entender, esse impacto passa necessariamente por uma compreensão do campo de estudos lingüísticos com uma forte base de politização ou o que, seguindo Pennycook (2001) ao se referir à Lingüística Aplicada, vou chamar de estudos lingüísticos com atitude política clara. Tal atitude é crucialmente centrada no questionamento dos interesses a que serve todo empreendimento de investigação nesse campo conforme vou apontar abaixo.

Isso inclui, pelo menos, refletir sobre três aspectos de natureza epistemológica, os quais vou apenas problematizar aqui: hibridismo teórico-metodológico; o fim do ideal de neutralidade e objetividade em qualquer empreendimento investigativo; e princípios éticos.

HIBRIDISMO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Muitos de nós têm tentado operar dentro de teorizações híbridas, mas temos também tentado operar metodologicamente de modo híbrido? O que seria esse modo de conhecimento híbrido? É o que, seguindo alguns autores antropó-

logos, historiadores, sociólogos e filósofos, tenho tentado chamar de uma Lingüística Aplicada Mestiça ou mais amplamente Estudos Lingüísticos Mestiços.

Pelo menos parte da área de estudos lingüísticos compartilha, com outros campos nas Ciências Humanas e Sociais, um foco “nas representações, construídas na atividade prática dos grupos, mediadas por meio da atividade lingüística” (BRONCKART *et al.*, 1996, p. 79), independente de isso ser uma “atividade coletiva” (por exemplo, nas salas de aula, nos tribunais de justiça etc.) ou uma “atividade pessoal” (na leitura, na tradução etc.). Conforme Bakhtin (1979/2000, p. 239) aponta, “o texto (oral e escrito) [é] o dado primário de todas as [Ciências Humanas e Sociais]”.

Sou de opinião, portanto, que a área de estudos da linguagem não deve permanecer isolada de outras Ciências Sociais e Humanas. Acredito que só é possível focar mais adequadamente a linguagem em uso (o que penso ser um de nossos interesses centrais) na contemporaneidade se nos familiarizarmos com o que sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais e culturais, geógrafos, historiadores, estudiosos da literatura etc. estão apontando sobre a natureza da vida social de nossos dias.

Ousaria dizer que se queremos ler sobre linguagem e vida contemporânea, é necessário ler nos campos da geografia, sociologia, história etc. Há relativamente pouca coisa no campo dos estudos lingüísticos que pode ajudar nessa direção. Esse campo precisa se aproximar de áreas que focalizam o social, o político e o histórico. Caso contrário, continuaremos a focalizar a linguagem e quem a usa em um vácuo social, sem vida cultural, histórica e política, i.e., um sujeito associal, apolítico e ahistórico. Não é à toa que os estudos lingüísticos, como aponta Rajagopalan (2002), têm nos “deixado na mão” no sentido de que não têm enfrentado as questões sociais. Essa abordagem tem feito com que me alinhe a pesquisadores naquelas disciplinas que seguem perspectivas socioculturais, levando em consideração a base histórica, cultural e institucional da ação humana mediada pela linguagem (WERTSCH, 1991), vendo, portanto, tais pesquisadores como meus pares.

É óbvio que o que estou argumentando aqui, ao afirmar uma abordagem teórica e metodológica híbrida no sentido de que é fundamentalmente informada por outras Ciências Sociais e Humanas, pode parecer herético para muitas pessoas que vêem em minha proposta um campo de estudos que perde sua essência e especificidade. O que posso dizer, contudo, é que o mesmo está acontecendo em muitas outras áreas em que os pesquisadores se recusam a simplificar suas questões, preferindo contemplar a complexidade, a discursividade e visões socioconstrucionistas. Só mesmo a anti-disciplina pode dar conta de tal proposta. Como Klein (1990, p. 11) indica, atualmente o conhecimento está sendo reestruturado com a criação de “campos híbridos”, “empréstimos cada vez maiores entre

as disciplinas” e “uma permeabilidade crescente entre as fronteiras disciplinares”. A área de estudos lingüísticos, da perspectiva que a construo, é um desses campos.

Em meu ponto de vista, mais importante do que se preocupar com os limites disciplinares ou de uma área de investigação é tentar operar dentro de uma visão da construção do conhecimento que tenta compreender o tópico de pesquisa (construindo o objeto de investigação, portanto) em diálogo com vários campos do conhecimento com o objetivo de integrar perspectivas diferentes que possam melhor cooperar na compreensão da questão estudada.

Tratando dessas questões de uma perspectiva pós-moderna e pós-colonial, o historiador francês Serge Gruzinski (2001) parece apontar uma abordagem similar quando argumenta em favor de um “pensamento mestiço” nas Ciências Sociais como um modo de se livrar de muitos hábitos intelectuais do passado que são típicos desses campos. Ele cita Mignolo (1995) para indicar que estamos testemunhando agora “a emergência de arcabouços conceituais híbridos que produzem novos modos de conhecimento” (p. 7-8) em oposição a uma abordagem unidimensional modernista e ocidental da construção do conhecimento.

O que acredito estar acontecendo na produção do conhecimento é a compreensão de que uma única disciplina não pode dar conta de um mundo social mestiço, fragmentado, contraditório e contingente como acho que Gruzinski (2001) diria: “pode uma disciplina sozinha dar conta da questão das mestiçagens? Para fazer isso, ‘ciências nômade’, que circulam do folclore à antropologia, da comunicação à história da arte, seriam necessárias” (p. 44). É esse mesmo tipo de pensamento mestiço ou nomadismo que seria útil em nosso campo. As teorias por meio das quais construímos o mundo mudaram e, portanto, devem mudar nossas abordagens de compreendê-lo teórica e metodologicamente, ao nos localizarmos nas fronteiras onde varias áreas de investigação se encontram.

O que estou dizendo pode ser entendido com um argumento a favor de viver realmente a interdisciplinaridade de modo diferente da conduta tradicional em Lingüística Aplicada, por exemplo: uma interdisciplinaridade tímida que não tem se descolado da Lingüística ou da Análise do Discurso. Isso envolve ler e frequentar congressos em outras áreas, como alguns de nós têm começado a fazer.

E a questão metodológica? Como temos pensado outras formas de investigação para lidar com essas mudanças? Como temos hibridizado nossas metodologias? Novamente aqui está o pré-requisito de ler e participar de eventos em outras áreas. Uma questão relacionada a isso também seria nos perguntarmos se temos convidado colegas de outras áreas para nossos eventos. É comum focalizarmos a necessidade da interdisciplinaridade em nossos eventos sem que convidemos pesquisadores que atuem em outros campos.

Na macro-área de estudos lingüísticos, alguns pesquisadores (Ben Ramp-

ton, Deborah Cameron, Alastair Pennycook, Kanavillil Rajagopalan, por exemplo) têm questionado os conceitos teóricos de língua, variedade lingüística, falante nativo, comunidade de fala etc., para dar conta das novas realidades sociais que se apresentam. Hoje, em nosso campo, a questão crucial para muitos pesquisadores tem a ver com como desinventar tais conceitos – criados dentro dos ideais da modernidade de encontrar sistema em todas as coletividades ou entendê-las como “totalidades unificadas e integradas” (RAMPTON, 2002, p. 6) – construídos com base no conceito idealizado de nação.

Como essas categorias se relacionam com o mundo do capitalismo informacional, da força muitas vezes antiética e avassaladora da mídia global, de subpolíticas que se tornam mais importantes que a política formal, das grandes dificuldades da escola em lidar com a pluralidade e a perplexidade da vida fora da escola, de um mundo em descontrole e de risco, enfim, de um mundo fluido, contingente e fragmentado? (LOPES, 2002 e 2003).

Essa complexidade do mundo social só pode ser focalizada se hibridizarmos nossas teorias e metodologias, constantemente em contato com outras áreas do conhecimento. Este é o tempo em que é crucial atravessar os limites dos programas e dos departamentos, ainda que muitos prefiram trabalhar com base em teorizações que dão conta de um mundo simplificado.

O APAGAMENTO DE QUALQUER IDEAL DE NEUTRALIDADE E OBJETIVIDADE NA INVESTIGAÇÃO

Como podemos fazer pesquisa confrontando ou desafiando verdadeiramente a idéia de que “a realidade é objetiva, externa ao indivíduo e que pode ser conhecida pelo raciocínio?” (SEMPRINI, 1999, p. 166). Essa é para mim a segunda questão crucial da contemporaneidade apesar de ser uma velha questão na epistemologia. Sou de opinião que a procura por verdades separadas do sujeito-pesquisador que guiou o positivismo é ainda a crença norteadora de muita pesquisa nas Ciências Sociais e Humanas, mesmo daquelas de cunho qualitativo. E isso tem sido assim em muitas pesquisas no campo de estudos da linguagem.

Não contemplam o fato de o pesquisador estar sempre posicionado no mundo e imbricado no conhecimento que produz. Assim, “o conhecimento nada tem de objetivo ou definitivo, pois ele depende do poder e da história” (SEMPRINI, 1999, p. 166); depende do pesquisador e de como ele constrói o conhecimento que produz. O pesquisador tem corpo, raça, desejo, classe social, gênero etc., enfim, tem história: não há mais espaço para uma racionalidade descorporificada (HOOKS, 1994). A racionalidade é marcada pela história do pesquisador.

Como diz Adriana Lopes, ao concluir sua dissertação apresentada à UnB em abril de 2003 sobre narrativas de mulheres jovens que cometeram delitos sociais: “Não pretendi nem ser neutra e nem imparcial”. O que ela oferece para crítica é sua tentativa de criar inteligibilidade sobre a linguagem na vida social com base em seus pressupostos teórico-metodológicos e em sua história como pesquisadora, mulher, membro da classe média etc. O pesquisador está situado no mundo sociohistoricamente e é calcado em tal sociohistória que constrói e produz significados sobre o que estuda.

No entanto, em nosso campo ainda continuamos a falar de “verdades científicas”, ainda vivendo com o ranço positivista. Que visão de ciência é essa com que insistimos em operar? Como é possível falar de verdades científicas depois de Foucault (1979, p. 12), que, ao historicizar os “regimes de verdade” que a ciência fez circular, mostrou os interesses subjacentes a tais verdades? É comum no campo da Lingüística Aplicada ou talvez mais comum ainda no campo de aplicação de Lingüística ao ensino de línguas a valorização das “verdades da Lingüística” frente as “verdades pedagógicas”. Acredito que as “verdades pedagógicas” são muito mais verdades, por assim dizer, do que essas “verdades científicas” uma vez que são altamente contextualizadas, efêmeras, contingentes e criadas como ato de *bricolage*, para dar conta de um problema de sala de aula. E são provavelmente muito mais úteis do que tais “verdades científicas” e seus ideais de conhecimento descontextualizado, universalizado, objetivo etc. São, portanto, muito mais próximas de como vivemos nossas vidas localmente do que como certas tradições de produção de conhecimento de cunho modernista têm nos levado a operar com base em teorias totalizadoras e de natureza objetivista.

Conforme Bodily (1994) indica, “como agentes sociais ativos, nós [pesquisadores] estamos implicados no conhecimento que produzimos, na linguagem que usamos e nas estruturas e instituições nas quais vivemos” (p. 174), o que “nos convida a desafiar as bases objetivas do conhecimento” (GERGEN, 1985, p. 267). Ou ainda como Foucault (1979) demonstra: “a verdade é desse mundo; é produzida nele por causa das múltiplas forças de coação e produz efeitos dirigidos pelo poder” (p. 12). Venn (2000, p. 4), comentando o pensamento de Foucault, afirma que:

a análise da modernidade que [Foucault empreendeu] dirigiu sua atenção para os efeitos do poder dentro do próprio processo da produção intelectual, de modo que o conhecimento não podia mais se resguardar por de trás da defesa epistemológica de objetividade, mas tinha que reconhecer a situacionalidade do conhecimento dentro das estratégias do poder. (p. 4)

Isso aponta para a idéia, cada vez mais comum nas Ciências Sociais e Humanas, de que os conhecimentos teóricos que nos interessam são particulares,

situados e contextualizados. Essa tendência está bem “sincronizada com a incerteza pós-modernista em relação às grandes totalizações teóricas, como se a totalidade social tenha sido ‘dissipada em uma série de ilhas de ordem dinâmicas e evanescentes que emergem ao acaso’ (BAUMAN, 1992, p. 189)” (RAMPTON, 2002, p. 9) no mundo atual. Essa posição questiona, portanto as grandes generalizações típicas da ciência positivista, chamando atenção para a vida local ou para aquilo que escapa a generalização, ou seja, o que é significativo no mundo social pode ser detectado no particular. Como diz Bauman (1992), na contemporaneidade, “[s]ignificância e números estão separados. Fenômenos estatisticamente insignificantes podem mostrar ser decisivos” (p. 192). Isso por si só já é um desafio para uma série de conhecimentos construídos nos estudos lingüísticos pautados na significância estatística.

O último ponto que focalizo a seguir diz respeito à questão ética. O questionamento da neutralidade e da objetividade pode ser interpretado como se estivesse advogando uma posição em favor da validade de tudo e da legitimidade de qualquer forma de produção de conhecimento: “A ética do vale tudo” (ROSENAU, 1992, p. 118).

PRINCÍPIOS ÉTICOS

É meu juízo, seguindo Rosenau (1992, p. 115), que nem “todas as normas e valores são iguais” já que refletem posições discursivas particulares. Ou seja, não subscrevo visões de relativismo ético nem entendo que o empreendimento da pesquisa não tenha valor. É preciso, porém, ter consciência da natureza desse tipo de conhecimento uma vez que “todas as teorias e epistemologias são interessantes e, portanto, requerem reavaliações contínuas do mundo social, o que inclui os seus próprios princípios” (ROMAN, 1993, p. 80). Contudo, a questão sobre quais valores são preferenciais permanece.

A escolha em relação a que valores devem ser preferidos tem que ser baseada na exclusão daqueles que causam sofrimento humano ou façam mal aos outros. Esse é um princípio ético que é fundamental em qualquer empreendimento investigativo como também em outras práticas sociais. Como indica Gee (1993), “sempre temos a obrigação ética de explicar... qualquer prática social na qual haja razão para acreditar que ela nos dá vantagens ou dá vantagens ao nosso grupo em detrimento de outras pessoas ou outros grupos” (p. 293).

Isso está associado à “responsabilidade para com os outros”, o que envolve a noção de que “se tornar humano é se tornar um ser ético” (VENN, 2000, p. 11). Esse pensamento é inescapável da crítica feita acima à objetividade e neutralidade

dos modos de produção de conhecimento e, portanto, escolhas teórico-metodológicas e a construção de um objeto de investigação têm que ser também rigorosamente avaliadas nesses termos. Relembrando a epígrafe com que este texto se inicia: esse talvez seja o principal empreendimento de aprendizagem no qual estamos todos envolvidos na contemporaneidade na tentativa de construir mundos sociais preferíveis.

OUTRAS HISTÓRIAS

Ao sugerir que todo o processo investigativo nas Ciências Humanas e Sociais não pode ser separado de questões de natureza política e de poder, este texto se ancora na necessidade de construirmos outras histórias para o campo dos estudos lingüísticos tendo em vista uma série de mudanças que estão afetando a vida social contemporânea. Tal tarefa é impossível sem pensar o impacto que o questionamento da modernidade está tendo nas Ciências Sociais e nas Humanidades atualmente e sem dialogar com essas áreas. Isso envolve crucialmente politizar nosso campo, o que tem a ver com: hibridização teórico-metodológica, apagamento de qualquer ideal de neutralidade e objetividade e questionamento ético de toda prática social, inclusive daquela que para nós é mais cara: a produção de conhecimento. É tempo de engendrarmos e contarmos outras narrativas sobre quem somos como pesquisadores no campo de estudos da linguagem.

Abstract

The central issue of this paper refers to the need of the field of Language Studies to familiarize itself with the great ebullition that is going on in the Human and Social Sciences, mainly when a lot of researchers in these fields have more and more recognized the relevance of language to understand contemporary social life and have offered unique insights into discourse. A great part of this ebullition is explained by a series of contemporary changes in social life requiring new theories and methodologies and questioning ways of knowledge production which do not account for these changes. Besides, researchers refer more and more to theoretical and methodological hybridism, to the end of the ideal of neutrality and objectivity in knowledge production, to the obligation of questioning every social practice from an ethical point of view (including research practices) and to responsibility towards the others.

Key words: Contemporary social change; Theoretical and methodological hybridism; Questioning of neutrality and objectivity; ethics.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1979/2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Intimations of postmodernity**. Londres: Routledge, 1992.
- BODILY, Christopher L. Ageism and the deployment of 'age': a constructionist view. In: SARBIN, Theodor R.; KITSUSE, John. I. (Org.). **Constructing the social**. Londres: Sage, 1994. p. 174-194.
- BRONCKART, Jean-Paul; CLÉMENCE, Alain; SCHNEUWLY, Berna; SCHURMANS, Marie-Noëlle. Reshaping humanities and social sciences: a vygotskian perspective. **Swiss Journal of Psychology**, Berna, n. 55, p. 74-83, 1996.
- CANCLINI, Nestor G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.
- COPE, Bill; KALANTZIZ, Mary (Eds.). **Multiliteracies**. Literacy learning and the design of social futures. Londres: Routledge, 2000.
- DAVIES, Alan. **An Introduction to Applied Linguistics: from practice to theory**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- DENZIN, Norman. K. **Interpretive ethnography**. Ethnographic perspectives for the 21st century. Londres: Sage, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GEE, James. Postmodernism and literacies. IN: LANKSHEAR, Colin; McLAREN, Peter (Eds.). **Critical literacy, politics, praxis and the postmodern**. Albany/NY: State University of New York Press, 1993.
- GERGEN, Kenneth. The social constructionist movement in modern psychology. **American Psychologist**, n. 40, v. 3, p. 266-275, 1985.
- GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HOOKS, Bell. **Teaching to transgress**. Education for the practice of freedom. New York: Routledge, 1994.
- KLEIN, JULIE T. **Interdisciplinarity**. History, theory and practice. Detroit: Wayne State University Press, 1990.
- LOPES, ADRIANA C. **Narrativas das adolescentes em conflitos com a lei**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nacional de Brasília.
- LOPES, Luiz Paulo Moita. **Identidades fragmentadas**. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LOPES, Luiz Paulo Moita (Org.). **Discursos de identidades**. Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- MIGNOLO, Walter D. **The Darker side of the renaissance: literacy, territoriality and colonization**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1995.
- PENNYCOOK, Alastair. **Critical applied linguistics: a critical introduction**. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. National languages as flags of allegiance; or the Linguistics that failed us: a close at the emergent linguistic chauvinism in Brazil. **Journal of Language & Politics**, n. 1, v. 1, p. 115-147, 2002.

RAMPTON, Ben. Continuity and change in view of society in Applied Linguistics. **Kings College**, Londres, 2002, (mimeo).

ROMAN, Leslie G. White is a color! White defensiveness, post-modernism, and anti-racist pedagogy. In: McCARTHY, Cameron; CRICHLOW, Warren (Org.). **Race, identity and representation in education**. London: Routledge, 1993.

ROSENAU, Pauline M. **Post-Modernism and the social sciences**. Insights, inroads and intrusions. Princeton: Princeton University Press, 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru: Edusc, 1999.

VENN, Couze. **Occidentalism, modernity and subjectivity**. Londres: Sage, 2000.

WENGER, Etienne. **Communities of practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WERTSCH, James. **Voices of the mind**. Cambridge/Mass.: Harvard University Pres, 1991.